

A CEIA QUE SE PERDE: O IMPACTO DA EVOLUÇÃO DAS MÍDIAS NOS ENCONTROS FAMILIARES PELA ÓTICA DE ANNIE ERNAUX

Thuanny de Fátima Nascimento Santos

Universidade Federal de São João del-Rei

thuannynascimento.15@gmail.com

Resumo

O presente trabalho busca realizar uma investigação acerca de como Annie Ernaux, na obra *Os Anos*, utiliza a imagem das refeições, em conjunto com a arqueologia das mídias, para reconstruir a sua memória individual a partir de uma memória coletiva. Para tal análise, foram selecionadas quatro passagens sobre esse cenário das refeições familiares, lembranças individuais de Annie Ernaux, que demonstram a presença das mídias na memória coletiva. Analisou-se também como as conversas durante essas refeições mudaram ao longo das décadas com a chegada e evolução das mídias. Para uma avaliação mais aprofundada, buscou-se responder ao seguinte questionamento: Com o surgimento e a inserção das mídias e novas tecnologias no ambiente familiar, especialmente durante as refeições, pôde-se observar uma perda de protagonismo da memória? A partir dessa questão refletiu-se sobre como a convivência entre as pessoas foi se perdendo à medida que as mídias foram surgindo e como o desenvolvimento tecnológico contribuiu para uma pobreza de experiência. Como arcabouço teórico desta pesquisa, trabalhou-se com o conceito de Walter Benjamin acerca da experiência, com o papel da memória coletiva para Maurice Halbwachs e com o texto crítico de Eric de Sales que trata sobre a história, a memória e o esquecimento.

Palavras-chave: Memória; História; Esquecimento; Refeições familiares; Mídias.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Thuanny de Fátima Nascimento Santos

Graduada em licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Graduada em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Espanhola pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais. É ex-bolsista no "Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência" (PIBID) e no "Programa Residência Pedagógica". Foi voluntária nos projetos: Projeto de Extensão "Medita IF-UFSJ"; Projeto de Pesquisa "Impacto de Práticas Meditativas (Mindfulness) e de Promoção de Estados Mentais Positivos para Jovens em Formação Docente Inicial" e Projeto de Extensão "Crise na pandemia: buscando soluções para a melhoria do comércio de livros e para a ampliação dos hábitos e índices de leitura".



Ex-bolsista do Projeto de Extensão "Propostas pedagógicas para o ensino de língua portuguesa e de literatura no ensino fundamental e médio". Concluiu a "Capacitação de Educadores como Facilitadores de Mindfulness - Programa Ser Presente", ofertado pelo Núcleo de Mindfulness (NUMI). Autora das obras "Propostas Pedagógicas Para o Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura no Ensino Fundamental e Médio". Realiza um trabalho voluntário na ONG "Núcleo de Ação Cultural - Talento, Alegria e Solidariedade" (NAC TALES), ofertando oficinas de "Escrita Criativa" e "Espanhol". Tem interesse nas áreas: Ensino de Literatura, Teoria Literária, Literatura de Autoria Feminina e Escrita Criativa. Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de São João del-Rei.



lattes.cnpq.br/5803025579217981

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

A CEIA QUE SE PERDE: O IMPACTO DA EVOLUÇÃO DAS MÍDIAS NOS ENCONTROS FAMILIARES PELA ÓTICA DE ANNIE ERNAUX

Thuanny de Fátima Nascimento Santos

Universidade Federal de São João del-Rei

(thuannynascimento.15@gmail.com)

Considerações iniciais

Escrito pela francesa Annie Ernaux e publicado em 2018, *Os Anos* é uma obra autosociobiográfica que une memórias pessoais da autora, com o contexto histórico, político, cultural e social da França. Recorrendo a uma estrutura não linear e fazendo uso de momentos íntimos da sua vida pessoal, tal como a utilização de fotos, filmagens, sensações, questionamentos, músicas, filmes, lembranças familiares e o impacto das mídias na vida cotidiana – que se misturam a acontecimentos históricos –, Ernaux apresenta as mudanças que ocorreram ao longo de seis décadas, mais especificamente, desde os anos 40 (pós-guerra) até os anos 2000.

Por se tratar de uma autosociobiografia, o livro não se resume apenas a contar a história autobiográfica da autora, ele vai além e inclui o social que envolve a vida de Ernaux, como por exemplo, os movimentos de maio de 1968, o feminismo, os protestos pró-aborto, a descoberta do vírus da Aids, as questões de classe, identidade, sexualidade, o papel das mulheres no contexto social, os desafios do envelhecimento, as transformações tecnológicas e como essas problemáticas influenciaram a experiência de vida de uma geração de mulheres e de toda uma sociedade.

Devido ao fato de ser uma obra profundamente ligada à memória, o presente artigo trabalhará a partir da imagem que Annie Ernaux descreve acerca das refeições familiares que ocorreram ao longo desses sessenta anos e como a autora utiliza de uma memória coletiva para reconstruir sua memória individual. Além disso, esta pesquisa analisa como as conversas que aconteceram ao decorrer desses encontros foram mudando ao longo das décadas, com os avanços tecnológicos e com a chegada e evolução das mídias.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ao longo da narrativa, Ernaux apresentará nove momentos em que aconteceram essas refeições familiares e eles estão divididos da seguinte forma: o primeiro encontro ocorre na década de 40; o segundo nos anos 50; o terceiro e quarto na década de 60; o quinto e sexto nos anos 70; o sétimo na década de 80; o oitavo no meio dos anos de 1990 e o nono no meio do primeiro decênio do século XXI. Contudo, foram selecionados quatro cenários das refeições familiares, dentre os nove presentes no livro.

Os quatro cenários analisados referem-se a encontros que ocorreram com uma diferença de 20 anos. O primeiro aconteceu em 1940, o segundo em 1960, o terceiro em 1980 e o último nos anos 2000. Na reconstrução dessas memórias individuais de Annie Ernaux é possível notar como a presença das mídias foi conquistando espaço nas mesas, no dia a dia das pessoas presentes nesses encontros e na memória coletiva de toda uma sociedade. Da mesma forma, as conversas durante essas refeições foram mudando ao longo das décadas, influenciadas pela presença cada vez maior das novas tecnologias, até que, por fim, o silêncio tomou o lugar da fala.

Para a realização da análise crítica, assim como para tecer as considerações e reflexões aqui trazidas, faz-se uso dos conceitos de Walter Benjamin acerca da experiência, do papel da memória coletiva para Maurice Halbwachs e do texto crítico de Eric de Sales que trata sobre a história, a memória e o esquecimento.

Memória (Mnemosine)

Mnemosine, titânide que personificava a memória na mitologia grega e irmã de Cronos, o deus do tempo, ficou famosa por ser a mãe das nove Musas e por ser considerada a guardiã que protegia a memória, a história, o saber e a cultura contra o esquecimento. Segundo Eric de Sales, em seu artigo intitulado “Cronos, Mnemosine, Clio e a Defesa do Patrimônio”, Mnemosine é uma das deusas gregas mais poderosas, pois ela aparece como a oposição à violência do tempo (Cronos), que está diretamente atrelado ao esquecimento. Dessa forma, nota-se que a memória é um elemento fundamental e de extrema importância, não apenas para a contemporaneidade, como para uma das civilizações mais importantes da história humana, a Grécia Antiga.

Além da memória ser o catalisador da razão, ela também “pode ser vista como uma representação seletiva do passado, composta pelas lembranças individuais e coletivas” (DE SALES, 2016, p. 157). Ademais, ela é essencial para a construção da identidade de um povo (individual e coletiva), assim como pela preservação do conhecimento, da arte e da cultura. Conforme descrito por De Sales:

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Escrever sobre memória é ter em mente que ela é uma capacidade humana que permite ter consciência da passagem do tempo, retendo e evocando fatos, experiências, propiciando um meio para a busca de respostas sobre a origem de um indivíduo ou de uma coletividade. Pela memória, fatos, eventos e lembranças são adquiridos, esquecidos, celebrados e deturpados. Assim, a defesa ao direito à memória seria, antes de tudo, a defesa ao direito à identidade e à História, ao passado constituinte de cada povo, região, de cada pessoa. (DE SALES, 2016, p. 158)

Cabe ressaltar que a memória, além de não ser linear, também não é o resultado de uma construção individual, pois como dirá Halbwachs (2006) “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 69). Isto é, não há uma memória individual sem uma memória coletiva, pois, embora a memória seja algo individual, são os grupos sociais, fundamentados em aspectos históricos, políticos, culturais, ideológicos e tecnológicos, que definem o que deve ser lembrado.

Por isso, o presente trabalho buscou, a partir das memórias individuais de Annie Ernaux sobre as refeições familiares, que demonstram a presença das mídias na memória coletiva, responder ao seguinte questionamento: Com o surgimento e a inserção das mídias e novas tecnologias no ambiente familiar, especialmente durante as refeições, pôde-se observar uma perda de protagonismo da memória? Até meados dos anos 40, principalmente em ocasiões como as reuniões familiares, a memória tinha um papel central, pois era comum que as histórias da sociedade e as vivências individuais fossem compartilhadas oralmente de pais para filhos.

Refeição Familiar - 1940

O primeiro cenário analisado remete ao ano de 1940. Segundo Annie Ernaux era comum que nas refeições familiares da década de 40, as pessoas ao redor da mesa falassem sobre o passado de tal maneira que suas memórias se uniam e eles compunham a narrativa de uma forma coletiva. Como podemos conferir na passagem a seguir:

Nas reuniões de família na época do pós-guerra, naquela lentidão interminável das refeições, alguma coisa vinha do nada e assumia uma forma: era o tempo já começado. Às vezes, os pais pareciam presos nele quando esqueciam de nos responder, os olhos perdidos em um tempo em que não estávamos, em que nunca estaremos, o tempo de antes. As vozes dos convidados se misturavam para compor a grande narrativa dos acontecimentos coletivos, os quais, pouco a pouco, passamos a acreditar que tínhamos vivido. (ERNAUX, 2021, p. 17)

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Os temas que surgiam com mais frequência nesses encontros eram aqueles comuns a todos os presentes na mesa, como o inverno de 1942, os bombardeios, a aurora boreal que tinha anunciado a guerra, as lojas saqueadas, a fome e o medo, como é possível conferir no fragmento a seguir: “Tendo como pano de fundo comum a fome e o medo, as histórias eram contadas com o uso do “nós”, dos pronomes indefinidos e construções impessoais” (ERNAUX, 2021, p. 18).

Contudo, essas histórias de caráter histórico, político, cultural e ideológico, contadas pelos mais velhos, eram interrompidas ao final das refeições, dando lugar às canções “Le petit vin blanc” e “Fleur de Paris”, que eram entoadas por todos os adultos em uníssono, como se observa no trecho a seguir: “Por fim, cantavam “Le petit vin blanc” e “Fleur de Paris”, gritando na hora do refrão, em um coro ensurdecido, as palavras *azul-branco-e-vermelho são as cores da pátria*” (ERNAUX, 2021, p. 20). Ao final, depois da sobremesa, os assuntos sobre a guerra davam espaço para risos, exclamações e a nostalgia de rever fotos antigas, como é possível constatar no fragmento abaixo:

Passavam de mão em mão as fotos amareladas pelo tempo com o verso manchado de tantos dedos que as tinham segurado em outros encontros, misturada de café e gordura que formava uma cor indefinível. Não dava para reconhecer nossos pais nem ninguém ao olhar os noivos sérios e rígidos, os convidados ao redor em fileiras encostados na parede. Também não conseguíamos acreditar que nós éramos aquele bebê seminu sobre uma almofada, com o sexo escondido. Parecia outra pessoa, uma criatura que pertencia a um tempo mudo e inacessível. (ERNAUX, 2021, p. 25)

Ao término dessas refeições familiares dos anos 40, Ernaux compreendeu que as histórias familiares e as histórias coletivas eram uma única coisa, pois era a partir da memória dos outros, ou seja, da memória coletiva, que os indivíduos que não haviam vivido aqueles momentos, sentiam que também faziam parte do mundo. Sobre isso, Halbwachs (2006) aponta que “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Ou seja, a construção dessa memória coletiva se dá mediante o convívio social que foi estabelecido entre os grupos aos quais esses indivíduos estavam inseridos. Sendo assim, era a partir dessas memórias coletivas, que transmitiam a memória do passado, que Ernaux reconstruía suas memórias individuais.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Refeição Familiar - 1960

O segundo cenário averiguado refere-se às refeições familiares dos anos 60. Após duas décadas, mudanças significativas ocorreram nos encontros da família de Ernaux, uma vez que os convidados não se interessavam mais pelas histórias do passado – como as ocupações e os bombardeios. As emoções que as pessoas sentiam nos anos 40 ao ouvir sobre essas histórias, tinham desaparecido. As conversas giravam agora ao redor das novas tecnologias, como se pode notar no seguinte excerto: “as conversas eram sobre [...] os novos modelos da Renault, o 4L, e da Citroën, o Ami 6. Quem tinha comprado uma televisão discutia a aparência dos ministros e dos apresentadores, das estrelas que viam na telinha como se fossem vizinhos de porta” (ERNAUX, 2021, p. 75).

Já os jovens, que nos anos 40 eram crianças e se divertiam brincando, agora não tinham mais interesse em brincadeiras, assim como também não se interessavam por histórias do passado ou pelas canções que antigamente os integrantes daquela família cantavam em conjunto. Ernaux destaca que:

Também para nós, os longos domingos de depois da guerra e as canções “Fleurs de Paris” e “Le Petit Vin Blanc” – tudo isso parecia pertencer a um tempo passado, da infância, que não nos despertava mais nenhum interesse, e se um tio tentasse reviver alguma coisa, “você se lembra de quando te ensinei a andar de bicicleta?”, ele parecia, aos nossos olhos, velho. Ali havia um rumor de vozes, palavras e expressões que ouvíamos desde que chegamos no mundo, mas que já não vinham à memória espontaneamente. (ERNAUX, 2021, p. 76-77)

Nota-se que a convivência entre os membros da família de Ernaux, gradualmente, foi perdendo espaço para as novas mídias que começaram a se inserir naquele contexto familiar. Os pais estavam entretidos vendo televisão, ou comentando sobre as novas aquisições tecnológicas que pretendiam fazer, ou até mesmo falando sobre as futuras tecnologias que surgiriam nos próximos anos. Enquanto os jovens, que cresceram tendo contato com esse distanciamento entre familiares, causado pela inserção de dispositivos eletrônicos, não se sentiam pertencentes àquele ambiente familiar. Ernaux aponta que “de repente podíamos ver o ambiente familiar com certo distanciamento, como um mundo à parte ao qual já não pertencíamos” (ERNAUX, 2021, p. 76). O espaço para as trocas de afeto e partilha das memórias aos poucos foi perdendo o seu protagonismo.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Refeição Familiar - 1980

O terceiro cenário examinado diz respeito à década de 1980. De todas as refeições familiares, esta é a que a autora descreve de forma mais sucinta, pois, à medida que as memórias do passado, as trocas de histórias e as interações calorosas foram perdendo espaço, já não restavam mais fatores que sustentassem a duração dos encontros como ocorria nos anos 40. Em relação a isso, Ernaux aponta que:

O tempo de antes se retirava das mesas familiares, escapava do corpo e das vozes das testemunhas. Ele ocupava agora o espaço da televisão, estava nos documentos e arquivos comentados por uma voz vinda de lugar nenhum. O “dever da memória” tinha virado uma obrigação cívica, o sinal de uma consciência justa, um novo patriotismo. Depois de quarenta anos aceitando a indiferença com o genocídio dos judeus não dava para dizer que o filme Noite e neblina tenha comovido, e nem os livros de Primo Levi e Robert Antelme, finalmente sentíamos vergonha do que tinha acontecido. Porém, era uma vergonha atrasada. Foi somente depois de ver o Shoah que nossa consciência pôde entender, horrorizada, a extensão que o inumano podia alcançar (ERNAUX, 2021, p. 137).

Verifica-se que os assuntos que nas décadas anteriores apareciam de forma mais recorrentes nos encontros familiares, como falar sobre a Argélia, Chile ou Vietnã, ou até mesmo acerca de Maio de 68 ou a luta pelo aborto livre, já não cativavam mais os jovens. Eles não demonstravam interesse em ouvir as grandes histórias da infância de Ernaux, e o desenvolvimento tecnológico desempenhou um papel significativo nesse afastamento, pois foram as inovações tecnológicas e midiáticas que fizeram com que a memória perdesse a importância que tivera na década de 40. A partir dos anos 60, os convidados, que faziam parte das refeições, passaram a se interessar pelo progresso e isso contribuiu para uma pobreza de experiências familiares.

Refeição Familiar - Anos 2000

O último cenário averiguado remete ao primeiro decênio do século XXI. De acordo com Annie Ernaux, as pessoas que se reuniam à mesa, agora, eram as crianças já quase quarentonas, seus companheiros, suas companheiras e seus netos. Como os membros antigos já haviam falecido, o ritual das refeições contava agora com Annie Ernaux como a mais antiga das representantes. A autora destaca que nas refeições familiares dos anos 2000:

não havia nem memória nem história, apenas a lembrança dos anos 1970 que pareciam desejáveis, por nós que tínhamos vivido, para eles que eram jovens

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

demais e só guardavam na memória os objetos, programas de tevê, músicas, protetores de joelho, *Kiri, o palhaço*, a vitrola portátil, Travolta e *Os embalos de sábado à noite*. Em meio ao entusiasmo da conversa, ninguém tinha mais paciência para as histórias. (ERNAUX, 2021, p. 209)

Observa-se que os temas presentes nas conversas desta época, referiam-se à “foto e música, downloads, às últimas aquisições de produtos novos, à última versão do Windows, o último modelo de celular, à Internet 3G, à relação entre o consumo e o uso do tempo” (ERNAUX, 2021, p. 207), ao trabalho precário e aos meios de transporte. Ernaux afirma que o que atraía os mais jovens era:

Tudo o que permitia atualizar o conhecimento um do outro, avaliar os estilos de vida e fortalecer secretamente a crença de que o melhor era o seu próprio estilo. [...] Queriam nos ensinar, mas não aceitavam que ensinássemos nada, deixando transparecer que, para eles, nosso conhecimento das coisas tinha menos sintonia com o mundo que o conhecimento dos mais jovens. (ERNAUX, 2021, p. 207-208)

Percebe-se que com a chegada das novas tecnologias, houve uma ruptura na continuidade das transmissões de experiências entre as gerações, visto que o conhecimento dos mais velhos não tinha mais nenhuma importância. Na realidade, os jovens já não davam abertura para que os mais velhos pudessem compartilhar suas histórias, opiniões ou realizassem comentários acerca das novas críticas publicadas em jornais e sobre os filmes que assistiam. Eles se viam como os detentores de todo o saber e ignoravam a importância dos conhecimentos e experiências transmitidas de geração em geração. Referente a isso, Walter Benjamin apontará que:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 2012, p. 114)

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

Nota-se que as pessoas não eram mais capazes de manter uma conversa como nos anos 40. No geral, os convidados ou estavam falando sobre as mídias, ou as utilizando, como por exemplo, ao ligar a tevê e jogar o novo jogo de videogame da Nintendo, Wii. As experiências ficaram cada vez mais superficiais e fragmentadas. Como enfatiza Walter Benjamin (2012), constata-se uma “pobreza de experiências”, uma vez que com o avanço e inserção das novas tecnologias no contexto social, as experiências ficaram mais superficiais e fragmentadas.

Além disso, quando os convidados se reuniam e o assunto acerca das atualidades digitais ou tecnológicas se extinguiu, eles não eram capazes de alimentar a conversa com temas diferentes, nem mesmo com histórias da infância. Nesses momentos o silêncio reinava, como é ilustrado nos fragmentos a seguir: “Os silêncios anunciavam que o fim estava próximo” (ERNAUX, 2021, p. 210) e “O silêncio estava de volta” (ERNAUX, 2021, p. 210). Na teoria, o silêncio pode parecer vazio, mas, neste contexto, adquire um significado profundo, pois indica a ausência de espaços para a partilha, para os afetos e para o contato olho no olho. Isto é, os laços que antes favoreciam a troca de calor humano nas relações, foram gradualmente substituídos pelo individualismo, impulsionado pelas inovações tecnológicas e midiáticas.

Considerações finais

Ao empregar a temática da arqueologia das mídias na narrativa de *Os Anos*, Annie Ernaux possibilita uma visão abrangente sobre as mudanças nos cenários das refeições familiares, pois à medida que novas tecnologias surgem e se inserem no cotidiano dos membros de sua família, as antigas tradições e os compartilhamentos de memórias, assim como das experiências, vão se dissipando. Por exemplo, na década de 40, era quase uma tradição que os adultos presentes naquelas reuniões falassem sobre o passado, compartilhassem suas vivências individuais; aconselhassem os mais jovens; transmitissem experiências; cantassem em uníssono músicas como: “Le petit vin blanc” e “Fleur de Paris” e se reunissem para rever fotos antigas. Nessa época, a memória tinha um papel central.

Contudo, com o passar dos anos, tanto as canções, como os encontros para reviverem momentos nostálgicos advindos das fotografias, foram sendo substituídos pelas televisões; pelos novos modelos de carro da Renault e da Citroën; pela última versão do Windows; pelo último modelo de celular; pela Internet 3G e pelo novo jogo de videogame da Nintendo, Wii. Diante disso, observa-se uma perda de protagonismo da memória, uma vez que

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

com o surgimento e a inserção das mídias e novas tecnologias no ambiente familiar, os momentos de trocas de afetos tornaram-se quase inexistentes.

Por fim, é importante ressaltar que, além das novidades tecnológicas e midiáticas fragmentarem a experiência humana, elas também contribuíram para a destruição tanto da memória, quanto das experiências e sabedorias ancestrais, que eram passadas de geração em geração na família da autora. E assim, os sorrisos, brincadeiras, conversas, histórias contadas, memórias compartilhadas e todo o alvoroço que eram características das refeições familiares, cedeu espaço para o silêncio, que a cada novo encontro, tornava-se cada vez mais ensurdecedor.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza in Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. revista - São Paulo: Brasiliense, 2012.

DE SALES, Eric. Cronos, Mnemosine, Clio e a defesa do patrimônio. *Historiæ*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 153-166, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/5589>. Acesso em: 30 jan. 2025.

ERNAUX, Annie. *Os Anos*. São Paulo: Fósforo, 2021.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

THE LOST SUPPER: THE IMPACT OF MEDIA EVOLUTION ON FAMILY GATHERINGS THROUGH THE LENS OF ANNIE ERNAUX

Thuanny de Fátima Nascimento Santos

Universidade Federal de São João del-Rei

(thuannynascimento.15@gmail.com)

ABSTRACT

Abstract. This paper investigates how Annie Ernaux, in *The Years*, uses the image of meals, along with media archaeology, to reconstruct her individual memory from a collective one. For this analysis, we selected four passages depicting family meal scenario, individual memories of Annie Ernaux, which demonstrate the presence of the media in the collective memory. We also analyzed how the conversations during these meals have changed over the decades with the arrival and evolution of the media. To deepen the analysis, the following question was posed: with the rise and integration of media and new technologies into the family environment, especially during meals, has the prominence of memory diminished? Based on this question, we reflected on how coexistence between people has been lost as the media have emerged and how technological development has contributed to an impoverishment of experience. The theoretical framework includes Walter Benjamin's concept of experience, Maurice Halbwachs's theory of collective memory, and Eric de Sales's critical reflections on history, memory, and forgetting.

Keywords: Memory; History; Forgetting; Family meals; Media.

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------

LA CENA QUE SE PIERDE: EL IMPACTO DE LA EVOLUCIÓN DE LOS MEDIOS EN LOS ENCUENTROS FAMILIARES DESDE LA PERSPECTIVA DE ANNIE ERNAUX

Thuanny de Fátima Nascimento Santos

Universidade Federal de São João del-Rei

(thuannynascimento.15@gmail.com)

RESUMEN

Este trabajo investiga cómo Annie Ernaux, en *Los Años*, utiliza la imagen de las comidas, junto con la arqueología de los medios de comunicación, para reconstruir su memoria individual a partir de una memoria colectiva. Para analizarlo, seleccionamos cuatro pasajes en el contexto de las comidas familiares, recuerdos individuales de Annie Ernaux, que demuestran la presencia de los medios de comunicación en la memoria colectiva. También analizamos cómo las conversaciones durante estas comidas han cambiado a lo largo de las décadas con la llegada y evolución de los medios de comunicación. Para una evaluación más profunda, intentamos responder a la siguiente pregunta: Con la aparición e inserción de los medios de comunicación y las nuevas tecnologías en el entorno familiar, especialmente durante las comidas, ¿Se puede observar una pérdida del protagonismo de la memoria? A partir de esta pregunta, reflexionamos sobre cómo la convivencia entre las personas se ha ido perdiendo con la aparición de los medios de comunicación y cómo el desarrollo tecnológico ha contribuido a un empobrecimiento de la experiencia. Como marco teórico de esta investigación, trabajamos con el concepto de experiencia de Walter Benjamin, con el papel de la memoria colectiva para Maurice Halbwachs y con el texto crítico de Eric de Sales sobre historia, memoria y olvido.

Palabras-clave: Memoria; Historia; Olvido; Comidas familiares; Medios de comunicación.

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-13
----------------------------	-------------	-------	------	------